

# O BONDE

ÓRGÃO ORIENTADO E DIRIGIDO PELOS ALUNOS DA ESA.

DIRETOR: Aluizio Valerio ~ REDATOR: Benjamim Duarte ~ GERENTE: Joaquim J. do Valle - SECRETÁRIO: José Guido Gomes - Tes. José R. Carvalho

Ano XVI ————— Viçosa, 12 de setembro de 1960 ————— Número 225

## ≡ INSTITUTO DE ECONOMIA BREVEMENTE EM AÇÃO ≡

A reportagem d'«O Bonde», com o fito de colocar os colegas a par de um assunto que requer particularidades entrou em contacto com o Prof. Edson Potsch Magalhães que, cortêsmente, cedeu-nos importantes detalhes à respeito da criação estrutura e finalidades daquele importante órgão. Eis em suma:

A 30 de junho do corrente ano, no Gabinete do Ministro da Educação e Cultura, Professor Clovis Salgado, foi assinado um convênio entre aquele Ministério e a nossa Universidade Rural, visando à criação, instalação, equipamento, funcionamento e expansão de um Instituto de Economia Rural.

Para êste fim, o Ministério se comprometeu, através da COSUPI (Comissão Supervisora dos Planos dos Institutos), a contribuir com Cr\$11.000.000,00 para o primeiro ano do Instituto.

A verba destina-se a suplementar salários de professores em regime de tempo integral, remuneração de técnicos e professores, pagamento de bôlsas de estudo para graduados, equipamentos, serviços e encargos diversos.

Parte dos recursos será aplicada no esforço do ensino em certos setores básicos como Matemática, Física, Química e Mecânica.

A idéia da criação do Instituto vinha sendo acalentada de há muito e ganhou pronunciado interesse quando da decisão governamental de organizar 14 Institutos, no País, através da COSUPI, dentro da Meta 30 do atual governo.

Viçosa não foi contemplada naquela ocasião, a despeito dos esforços então dispendidos. Agora, felizmente, surge o nosso Instituto de Economia Rural. Vale registrar que já havia um Instituto de Economia Rural, que em 1958, quando da criação dos 14 outros, foi localizado na ENA.

O organograma preparado  
Pág. 3

## FESTA DA INDEPENDÊNCIA

Viçosa não se furtou à indispensável comemoração. Colhemos os frutos rendidos pelo desprendimento dos nossos irmãos, que pela liberdade, ofereceram em holocausto, suas próprias vidas. Vários oradores, fizeram uso da palavra, exaltando o significado da grande data. Por não ter sido notificado, o DAAB não se fez presente. Sentimos que tal fato determinasse a ausência, aliás justificada, de nosso representante. O T. G. 162, Patronato Agrícola, Escola Normal e o Colégio de de Viçosa, contribuíram eficientemente para o êxito obtido.

## MÃE ESQUECIDA

A 6 de setembro, a conceituada ESAV, marcou mais um ano de atividades em prol do ensino e experimentação agrícola, tão exaltada por muitos, e esquecida por um número

bem maior, a data significativa que devia apresentar, pelo menos, algum requinte de ocasião festiva, passou serenamente em brancas nuvens.

## Assembléias. Frequência humilhante

Não se concebe tamanha indiferença, e, a evidência dêste comodismo nítido em relação aos problemas a nós diretamente ligados. Somos ou não uma classe coesa? Pecamos por omissão. Relegamos à planos inferiores, os elementos capazes de nos transportarem ao clímax, sob o aspecto de

fôrça reivindicatória honesta em essência, consubstanciada na afinidade de idéias e anseios, que definem um perfeito conhecimento dos problemas, múltiplos, convém salientar, aos quais nos propomos solucionar. Estamos dispersos e alheios a quase tudo que não  
Pág. 3

**Palestras Clube Ceres. Privilégio de Quartanistas**

# VENENOS

Os pororocas choram mais que garôto esquecido pelo Papai-Noel. Com uma argumentação muito de mixuruca, teimam em reivindicar de uma maneira mais renitente que criança levada, sem respeito pelos pais. É por essa e outras, que eu sou contra:

1. A choradeira dos coleguinhos da 1a. sessão que se julgam no direito de ficarem mais sentidos que viúva nova, com a suspensão dos trabalhos nos banheiros novos que eles, os distintos, esperavam breve dar o nota inicial. Dão a deixa que ficaram quatro meses com um pseudo-banheiro para mais de vinte gajos. Dizem, os tais que faltava apenas mais um pouquinho para se esbanjarem hidraulicamente. As obras foram paralizadas. E daí? O negócio bacana é aquilo ficar parado mesmo; pois o primo Te-Manca acha muito mais lógico construir. Usar para quê? O importante é empolgar os meninos. Depois deve vir a fria. Eu por mim, dando minha grande nota, acho que os coleguinhos dé lá perderam todos os pontos, e porque foram no canto da sereia, devem mesmo entrar pelos canos.

Sem querer dar marcha-à-ré ao coleguinha da coluna social, Ibsen Sued, destaco, como o fora da noite no tal Baile Bossa Nova (com caras velhas) a atitude do colega Beleza que errou (?) por duas vezes a localização do toilette, fazendo muita gente ficar apavorada. Destaquei como o oinar mais meigo da noite, o do coleguinha fofoqueiro (Adriano).

Pré-histórico, o figurinhã do Alvorada, embevecido com os olhos de uma garotinha que ensaiava seus primeiros passos na Sêde Social do C. T. A., saiu com esta expressão para o anjinho: Meu bem, seus olhos parecem, de tão bonitos, pedras águas-marinas! Donde se conclui que o cujo, está mais por fora que o Derminas no campeonato.

Local: Agronomia. Assunto: Melhoramento do café. Personagens: Professor e alunos do 4.º ano.

Professor: Considerações em torno do melhoramento do café (Caturra, Bourbon, Mundo Novo etc.).

Brazinho: Professor e sobre o Café Gaggia, há algum trabalho no sentido de melhorá-lo?

É razoável concluir que o colega, em matéria de rubiáce, está jogado prá escantêjo. Ou então faz-se de inocente prá vegetar naquela base.

Quanto mais vivaldino maior a chance de morar nas opiniões (quase sempre fracas) dos outros. Soubemos que um professor de volta ao ninho antigo (digo ninho, porque aqui se esquenta bem um lugar) afirmou prá alguns fofoqueiros, que só sai agrônomo mesmo daqui, o distinto que perder para êle, o professor alguns pontinhos, porque senão... Alguém que estava por dentro, a exemplo do primo Te-Manca, morou na jogada e concluiu: Imagine que leva de não sei o quê tem saído daqui neste intervalo, sem que levassem do professorzinho muito certinho, o toque de varinha-de-condão, condição sine qua non prá qualquer distinto que por aqui vegeta em alta-escala, se considerar engenheiro agrônomo depois de pôr as garras no canudo.

## PÉ DE MEIA SEM CALO

Meu nome é Gaspar. O cabelo descamba para a violência em cima das orelhas, e desbrava vertiginosamente nua abaixo, num convite audacioso aos carinhos femininos. Aguardo, calmo e dominante, na esquina da rua a chegada da morena. Meu semblante irradia um ar de filosofia de fumante de cigarro mata-rato. A cabeça, cheia de cabelos louros, a barriga cheia de fome. A candanga que namoro e espero é noiva de um médico, ao mesmo tempo que fazia programas de fim de se-

mana com um dentista. Cortei o dentista do cardápio dela. Mandei-o pegar grandes bôcas noutro lugar. Não posso compreender qual o mistério que a fêz ficar tarada por mim. Dia à dia seu afeto cresce mais que cultura de bactéria. Seu amor cego, surdo e mudo, chega a ser até bruto (ai, ai); um amor sífilítico de quem não prevê o futuro. Estou parado próximo a um telefone de estacionamento de carro. Com fisionomia de boi espantado vendo porteira nova, observo

Pág. 3

## Pela Sociedade

J. Sued

Com muita propaganda e prometendo «surpresas» aconteceu o baile «Sáia e blusa», organizado pela Economia.

Maria Antonina com o penteado mais bonito da noite, circulava com um «pau de arara» de Ouro Preto. Fernando Beleza obrigando certa senhorita a ficar todo baile no «toilette», pois faria barulho se a mesma dançasse com outro. Fala calibrina.

Gomide meio atônito vendo Terezinha muito «in-love», jogava toda sua bicaria sobre Eneida. Boa sorte colega. A grande «surpresa» da festa foi exatamente no final, quando houve a grande e sensacional queima do «Buffet». Churrasquinho de Cr\$15,00 por Cr\$5,00 etc. etc. Cristiano endoidou: Muita gente reclamando a «indiscrição» de certos rapazes, que vão dentro do «toilette», convidar alguém a dançar. Com a palavra o presidente do clube.

Outras notas:

Correm rumores do reatamento de namôro da bonita Sandra com o temperamental Afonsinho.

O desfile das meninas «top» na 1.ª sessão aos domingos, não é uma coooooosa mas, agrada.

Na «limonada dançante» do Alvorada, um programa bem bolado, foi seguido à risca: macaco na roda, cirandinha, etc.

Certo rapaz da society viçosense, insiste em dançar de «cachecol» e «mascando» chiclets. Cruz?

Bye, Bye.

## Leitura Sadia

Fonte inesgotável de conhecimentos

**De Você, muitos esperam alguma coisa. Ajude a Conferência Santo Tomás de Aquino.**

# QUERER E PODER QUERER

DUHI RATTO

— Queremos aulas melhor dadas!

— Queremos avaliação das provas baseada no conhecimento que o aluno exara da matéria, e não firmada em tópicos omissos, muitas vezes não essenciais mas de preferência do professor. O atual sistema de correção, em algumas cadeiras, onde vale o que o aluno deixou de escrever e não a exposição geral do assunto, é um convite ao abandono da bibliografia básica em proveito do estudo deprimente baseado tão só em anotações de aula!

— Queremos regime de frequência moldado na tendência autodidata dos universitários! Tantas coisas queremos! Quanta coisa acertada pleiteamos!

E surge aquela pergunta crucial: "Temos autoridade moral para reivindicar isso tudo?" E a resposta sincera, baseada nas ações e reações do nosso grupo não pode deixar de ser "NAO". Como maior elasticidade do regime de faltas, se nem sabemos de que modo empregar o tempo das aulas a que deixamos de assistir? Como podemos querer aulas

melhores se não nos dispomos a estudar mais? Se nossa cultura é somente de ordem técnica? Se não nos preocupamos com a formação do Homem integral aqui na universidade? Se boicotamos qualquer iniciativa que vise união e hipotecamos apóio às que somente segregam? Se pleiteamos nível de aulas mais alto e continuamos a estudar somente pelos famigerados caderninhos? Se queremos que o agrônomo tenha melhor conceito na sociedade e nem procuramos elevar nosso baixo nível de cultura geral, relegando a enésimo plano o estudo do idioma nosso, de línguas estrangeiras, de noções básicas de Filosofia, de conceito de Artes, Humanismo, História etc. etc. etc.? Se queremos que isso aqui vire Universidade e temos uma ideologia sectária, encarando tudo sob um prisma de três escolas que se danam pròximamente a sós? Se procuramos resolver problemas de grupo visando uma solução pessoal? Isso é querer coisas sem fazer por que merecê-las. É exigir perfeição do próximo e continuar na mediocridade alarmante dos aparva-

lhados. É constituirmo-nos em centro fixo em tórno do qual queremos que mude e evolua toda uma estrutura de fato. Devemos ser sinceros conosco mesmos; devemos ter, ao menos, a autenticidade de reconhecer que nem só os outros andam errados, mas que anda muita mazela, solução acomodaticia e falsa à solta em nosso meio.

E a solução? É cessar de pleitear melhorias? É o conformismo confortável da própria mesa de estudos? Não é hora de fugir à luta nem de descrever da vitória. A frouxidão não terá nunca a ousadia de mascarar-se em virtude. Simplesmente devemos iniciar uma renovação a partir de nós mesmos, da nossa comunidade universitária, da nossa claudicante estrutura estudantil. E se tivermos a lucidez suficiente para reconhecer que também andamos errados, e a envergadura para iniciar a renovação, poderemos, com maior denodo e cabeça erguida, exigir a tomada de consciência e o cumprimento daquilo que vimos de longa data pleiteando.

## CERES

Na UREMG (em Viçosa), cinco cursos atuantes, oferecem-nos nada menos que treze turmas. A desproporção é evidente se atentarmos que: quartanistas (uma turma apenas), professores (alguns), funcionários e curiosos, tão somente, são alcançados pelas palestras programadas. Há trabalhos importantíssimos que ali são apreciados, baseados em revisões bibliográficas perfeitas, e alguns colegas embrenham-se, é comum, em trabalhos de natureza experimental, cujas conclusões merecem, convenhamos, a apreciação dos demais colegas já integrados ao espírito da profissão do fu-

turo. Se considerarmos como se reveste de importância esta primeira palestra do agronomando, praticamente um profissional, numa revelação muitas vezes autêntica de sua capacidade, não é absurdo atentarmos para a inevidência das apresentações associadas à inoportunidade do horário. Determina-se, desta forma, um processo seletivo, prejudicial aos alunos de diferentes turmas, com reflexos indesejáveis em relação à importância do trabalho e do momento que o caracteriza, baseados nas considerações feitas anteriormente. Merecem mais os agronomandos. Em destaque, em assistência, em cobertura, há muito à desejar. Injusta na verdade, a orientação atual que nos

mantém ao largo dos problemas, privados que somos de senti-los, os quais; indubitavelmente; nos atingem em plenitude. Ocasionalmente, deixamos nossa presença assinalada. O fato, nossa meta, é a execução do projeto constância, infelizmente, fora do âmbito limitado de nossa alçada. A quem de direito, nosso insistente apêlo.

### Pé de meia sem calo

(Continuação)

um sujeito de boné, corpulento e alto, pele avermelhada. Camisa aberta ao peito todo tomado de cabelos, barbado; os olhos salientes e afoqueados e a cara de come-

## PÉ DE MEIA SEM CALO

(Continuação)

dor de macarrão. Seguro pelo braço por um policial, telefona para casa:

— Mariazinha, diga à sua mãe que não vou jantar em casa hoje. Fui convidado para comer fora.

Com meia hora de atraso, minha cadanga chega acompanhada de um homem. A aliança dele reluzindo ao sol, envia uma catarata aos meus olhos, num convite mudo para me retirar do caminho. Passam por mim. Ela finge não vê. Meus ouvidos, num furo de reportagem ainda conseguem apanhar as últimas palavras entre o casal que vai quebrando a esquina:

— Iolanda, como tenho sofrido de ciúme. Ainda bem que tenho confiança em você. Se nosso casamento não fôsse amanhã...

Caros leitores, nestas altitudes, eu, o artista principal, sei obrigado a cair fora do resto do conto. Ou acham que devo ficar na boca de espera até depois de amanhã?

GARRAFA DE KOBRA

## Assembleias Frequência humilhante

(Continuação)

seja apontar êrros e formular sugestões de esquinas, que maliciosas em substância, serão incapazes de apresentarem o rendimento que almejamos. Desprendimento, sim. É necessário, urgentemente necessário. Apreender os problemas intimamente, de maneira nobre, baseado em um sentimento de utilidade, seria o ideal. Você, prezado colega, você sózinho poderá, quem sabe, com uma simples sugestão decidir em inúmeros casos qual a orientação mais adequada. Não fuja à responsabilidade. Uma assembleia sem você, jamais será a mesma. Falta-lhe algo e a verdade inofensável, é que estará diminuída. Faltou você que não soube oferecer algo de que é realmente capaz, a sua indispensável e tão querida presença.

# Ôlho Clínico

(1) — Não se concebe um curso de Melhoramentos sem conhecimentos fundamentais de Genética. Tal matéria, é forçoso reconhecer, constitui o alicerce, sem o qual, a complexidade do curso em questão, aparece como sério obstáculo.

(2) — Na cadeira de Agricultura Especial, 4º ano, o café tem predomínio absoluto. Cinco meses consumidos com a cultura (uma, dentre outras) de evidência econômica. É claro, mandioca, fumo, algodão, etc., terão sua vez. Serão suficientes os meses restantes (não atingem à dois) para cobri-las fundamentalmente, de modo a atender a imensa responsabilidade dos estão sujeitos à orientar com pleno conhecimento de causa?

(3) — o 3º ano atual, apresenta seus problemas. Matérias do 3º foram dadas no 2º. Outra

do 4º lecionada no 3º. Para o 4º ano os rapazes terão outra do 2º. Um fenômeno tremendo de trocas inconcebíveis, sem falar no paralelismo que se observa entre matérias que deviam guardar em distância, no mínimo, um lastro de conhecimentos adquiridos em um ano. Uma delas, caso Agricultura Geral, cujos princípios serão (após amplamente discutidos) aplicados na parte já especializada do estudo das variadas culturas, segue calmamente ao lado da Agricultura Especial. Como vêem, uma variável autêntica. Estamos na frente, estamos atrás. Despreza-se o fenômeno correlação, de importância capital na percepção, que resume tudo.

4 — Aulas de matéria apreendida como importante, sofre racionamento. Caso, Microbiologia.

## INSTITUTO DE ECONOMIA

(CONTINUAÇÃO)

para o nosso Instituto de Economia Rural (IER) focaliza as seguintes funções:

a — Ministar ensino em alto nível, não apenas para os estudantes das Escolas que integram a Universidade, mas, ensino avançado, para estudantes graduados de tôdas as regiões do País, e quiçá do Exterior.

b — Realizar pesquisas nos vários campos da Economia, Administração e Sociologia Rurais, interessando os estudantes graduados em tais pesquisas.

c) — Treinar pesquisadores e professores para o próprio Instituto, para esta Universidade e para outras Escolas e Universidades, e ainda preparar especialistas para organizações ou empresas agropecuárias, comerciais e industriais, relacionadas com as primeiras.

d — Prover informações de interesse para a administração pública e para as empresas privadas, difundindo-as, através do ensino e da extensão, a fim de que alcancem, logo, os agricultores, os técnicos, os administradores, tudo por meio de circulares, boletins, revistas, rádio e televisão, quando fôr o caso.

e — Aprofundar os estudos em cada uma das disciplinas ou seções que formam o Instituto.

Esperamos ver em breve o IER em pleno funcionamento, a fim de corresponder à confiança e às esperanças que sempre depositamos no Departamento de Economia Rural, sob a chefia serena do Prof. Edson Potsch Magalhães e onde militam alguns dos nossos mais brilhantes e estimados mestres.

**Dia 18 ESA X OLIMPICO em S. Geraldo**